

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ARIEL DE BIGAULT – MARGENS ATLÂNTICAS
23 de setembro de 2022

SI MANERA / 1990

Realização: Ariel de Bigault / Videoclip com o grupo Finaçon / Cópia: digital, cores, 4 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

FEA / 1990

Realização: Ariel de Bigault / Videoclip com o grupo Finaçon / Cópia: digital, cores, 4 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

MADREDEUS, LA SIRÉNE DU TAJE / 2005

Realização: Ariel de Bigault / Com: Pedro Ayres Magalhães, Teresa Salgueiro e o grupo Madredeus / Cópia: digital, cores, 12 minutos / Primeira Exibição na Cinemateca

TITO PARIS / 2002

Realização: Ariel de Bigault / Com: Tito Paris / Cópia: digital, cores, legendado em francês, 12 minutos / Primeira exibição na Cinemateca-Portuguesa

CANTA ANGOLA / 2000

Realização e Argumento: Ariel de Bigault / Imagem: Leonardo Simões / Montagem: Claudio Martinez / Som: Gita Cerveira, João Magalhães / Com: Carlitos Vieira Dias, Paulo Flores, Lourdes Van Dunem, Carlos Burity, Moisés Kafala, José Kafala, Banda Maravilha, Moreira Filho, Marito Furtado, Simmons Massini, Galiano Neto, Novatos da Ilha, Ndengues do Kota Duro, Botto Trindade, Betinho Feijó, Kinito Trindade, Joãozinho Morgado, Chico Santos, Carlos Venâncio, João Sabalo, Zé Fininho, Sanguito, Kituxi, Ino, Antoninho, Raul Tolingas, Luisa Façonny, Jacques A. dos Santos, Iolanda Burity, Vissolela Conceição, Ana Machado / Produção: Kanpai Productions, Orion (Luanda), Muzzik / Produtor: Hubert Niogret / Cópia: Digital, cores, 59 minutos / Primeira Exibição na Cinemateca

Filmes de Ariel de Bigault

Duração total da projeção: 91 minutos

Com a presença de Ariel Bigault

Esta projeção apresenta 5 filmes que continuam a obra de Ariel Bigault na relação entre o cinema e as culturas lusófonas com foco na produção musical. Obras realizadas em Cabo-verde, Portugal e Angola unem-se, especialmente, numa íntima atenção às singularidades culturais e às verdades mais simples do viver comunitário ao mesmo tempo que fazem uma profunda exploração da história e da evolução técnica e estética da música popular nestes países.

Si Manera e **Fea** são dois pequenos objetos que podem, todavia, ser considerados muito significantes quanto aos interesses da realizadora. Os *videoclips* oferecem uma imagem a músicas do grupo cabo-verdiano Finaçon. Composto pelos irmãos Zeca e Zeé di Nha Reinalda, o baterista José Augusto Timas e o guitarrista Zequinha Magra, Finaçon é um grupo de referência, conhecido por ser um dos primeiros a conferir uma dimensão moderna e internacional ao *funaná*, um dos gêneros de música cabo-verdianos mais populares, cujas letras abordam o cotidiano, mas também críticas sociais e gritos de liberdade, sendo esse o caso de *Si Manera*. Para além das imagens de performances da banda, Ariel mergulha as músicas deste grupo no cotidiano e no sentido comunitário, principalmente através das suas danças, vincando a ideia de que a música e a dança são uma forte expressão identitária, cultural. Uma evidente particularidade destes vídeos, recorrente na visão de Ariel de Bigault, está no elemento do grupo e das crianças, no entendimento de uma cultura enquanto família, que expressa uma imagética eminentemente afetiva.

A preocupação por este processo de “decantação” das essências e identidades culturais continua nos documentários de curta-metragem que se seguem, **Madredeus, La Sirène du Taje** e **Tito Paris**. Filmados em Lisboa, exploram a relação da cidade com duas personalidades e músicas diferentes: por um lado a música portuguesa dos Madredeus, e por outro, a música de influência cabo-verdiana de Tito Paris. Em **Madredeus, La Sirène du Taje**, entre imagens de Lisboa e de um concerto, Pedro Ayres Magalhães e Teresa Salgueiro falam sobre a idealização da sua música e das suas performances na relação com a música portuguesa e com Lisboa. Partem da figura da sereia, da atração e do canto como um arquétipo português, para a ideia de que o mais importante é “vestir a música”, transmitir, com algo que é primeiramente sensível e auditivo, a ligação da memória e a transportação da música e da identidade portuguesa para o futuro através da evolução musical e da criação, na tentativa de alcançar não só uma identidade comum, mas também a sua autenticidade. **Tito Paris** parte, por sua vez, de Lisboa, onde considera ter alcançado os seus objetivos musicais, para as suas memórias de infância em Cabo-verde, afirmando ter descoberto que entre os dois países, “o mar fala a linguagem do mundo”. Ariel de Bigault acompanha o cantor pelos espaços mais significativos da sua vida em Lisboa, mostrando Lisboa como um espaço comunitário, uma “casa democrática”, e considerando a importância das suas raízes, a necessidade de ver cada um dos cabo-verdianos como um membro da família.

Canta Angola é uma longa-metragem documental que explora detalhada e adensadamente a história e a importância do Semba e dos grupos que lideraram as evoluções deste estilo musical. Foi filmada em 2000, ainda durante a guerra civil que, entre 1975 e 2002, assombrou Angola, percebendo-se, neste contexto o importante da música enquanto forma de resistência cultural e persistência de uma estética que resistiu às guerras, ao colonialismo e a toda uma história de violência. Ariel de Bigault toma uma abordagem tão próxima e íntima no retrato das histórias e das pessoas que filma, como distanciada no modo como lhes dá a liberdade para se expressarem, construindo este filme de acordo com uma multiplicidade de olhares que convergem num mundo em comum. As entrevistas de são subtilmente conduzidas pela jornalista Luisa Fançony, e conta com a presença de figuras como Carlitos Vieira Dias, Paulo Flores, Lourdes Van Dunem, Carlos Burity, Moisés Kafala, José Kafala, e muitas outras pessoas e grupos que, aproveitando a música de toda a Angola, criaram sonoridades que, conscientes do peso histórico e cultural da sua música, representam e expurgam fantasmas e esperanças e participam na construção de um autêntico modo de vida político.

Manuel João Montenegro